MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º Andar
1997 nº 162

# O BOMBARDEIO DE GUARATINGUETÁ EM SETEMBRO DE 32



Foi durante a Revolução Constitucionalista de 1932...

Naquela tarde de setembro de 32, o voluntário José Galvão Nogueira galgou os degraus da torre da Matriz, para levar mantimentos e render quem aí estivera de guarda, e assumir o comando da metralhadora Hotchkiss ali instalada. Não sabia bem em que direção apontar, porém, vigiava principalmente os lados de Lorena, pois, dali, poderia surgir o "Vermelhinho".

Naqueles dias, Guaratinguetá estava sob dois fogos: de um canhão de 105 mm estacionado em Aparecida e de outros de vários calibres, um também de 105 mm, requisitados da Marinha pelo Governo Federal, baseados em Lorena, além de uma terceira ameaça, vinda pelos céus: o "Vermelhinho", um dos aviões da Ditadura pilotado pelo apelidado "Melo Maluco".

Tio Maia (Benedito Maia Braga) contava-nos que, durante o enterro de seu pai, falecido em Pindamonhangaba dia 23/9/32, enquanto este se retirava para São Paulo com suas filhas, bombas de canhão passavam por sobre o Cemitério dos Passos, indo explodir no Morro do Passarinho.

De fato, nesses últimos dias de setembro de 32, a cidade foi alvo de intenso bombardeio pelas tropas da Ditadura e da ação dos aviões federais. O objetivo desses atos não ficou muito claro para as testemunhas oculares e para as vítimas diretas ou indiretas dos bombardeios: para uns seria a Ponte Metálica, para outros, a torre da Estação da EFCB, pois os federais talvez supusessem que ali havia uma metralhadora, enquanto outros afirmam seria o Q.G. das tropas constitucionalistas, instalado no Clube Literário e depois transferido para Aparecida, já no último recuo daquelas que preparavam as trincheiras que seriam estabelecidas desde as "Três Barras" e "Rocinha" até a Colônia do Piagui, passando por "Engenheiro Neiva". Entretanto, no diário do Cel. Euclides Figueiredo, consta que o seu Q.G. deslocou-se, dia 19 de setembro, de Lorena para Aparecida.

E Lorena foi abandonada pelas tropas paulistas; a população deslocou-se, na medida do possível, para cidades da retaguarda, a semelhança do que acontecia em Guaratinguetá. O bombardeio da cidade visava, principalmente, a região compreendida num raio de 500 m, mais

ou menos, a partir da Estação da EFCB, desde a rua Marechal Deodoro até a Ponte Metálica, concentrando-se nas imediações do Mercado e Praça Conselheiro Rodrigues Alves até a Ponte, atingindo a Rua do Porto, a José Bonifácio e a Domingos Rodrigues Alves. Embora bombas tenham caído na Santa Rita e no Engenheiro Neiva cuja estação foi atingida por uma bala de canhão.

No dia 23, houve, ainda, a retirada de 60 abrigados do Asilo "Santa Isabel" que, de trem, foram levados para São Paulo, com imenso trabalho para as Irmãs, pois, entre eles havia cegos, surdos, paralíticos, todos, enfim, idosos e que não sabiam o motivo de tal operação em meio à confusão da guerra: subir em um caminhão, dele descer e subir num vagão ferroviário que muitos nunca tinham visto e cuja máquina resfolegante os assustava! A volta, a 7 de outubro, foi outra peripécia, quando encontraram o Asilo devastado e roubado.

O jornal "O Estado de São Paulo" do dia 26 de setembro noticia o bombardeio da cidade e a descrição da cidade abandonada e desolada.

O livro "Heróis Desconhecidos" (Ed. Santuário - 1983) de autoria de Maria Aparecida Nogueira Coupê e Edson José Galvão Nogueira, traz o depoimento de várias testemunhas desses dias; às vezes, contudo, a memória parece confusa, depois de 50 anos.

Diversas testemunhas falam do bombardeio da "Ponte Metálica", de prédios atingidos na Rua do Mercado, na Comendador Rodrigues Alves e imediações da Praça. Há divergências quanto à atuação do "Vermelhinho"; uns entrevistados afirmam que ele apenas metralhava, outros, que ele também lançava granadas.

Neste ponto invocamos nosso testemunho pessoal, em relação a fato semelhante: morando, nessa época, na zona rural de Pindamonhangaba, na estrada para Campos do Jordão, junto a uma depressão que, cortada pela E.F. de Campos e pelo Paraíba, confronta-se com Taubaté do outro lado, em direção ao Sul, pudemos, de longe, presenciar o bombardeio do campo de aviação desta cidade e, lembro-me perfeitamente, que eram três aviões que circulavam acima do campo e, em mergulho, despejavam suas bombas, cujo ruído de explosão ouvíamos algum tempo depois. Entre esses aviões estava o "Vermelhinho". O "brazialianist" Stanley Hilton, citando fontes federais, fala de um primeiro bombardeio do Campo de Taubaté por um avião que regressava de uma missão fracassada a São Paulo, a 17 de julho, descarregando suas bombas no Campo vazio de aviões rebeldes. Outro bombardeio do Campo de Taubaté deu-se a 23 de julho, segundo Stanley. Também são citados em seu livro "A Guerra Civil Brasileira" (Ed. "Nova Fronteira", 1982) vários bombardeios, por avião, de Lorena, São José do Barreiro, Cachoeira, Cruzeiro, além de outras cidades do Estado.

O alvo desses bombardeios aéreos seriam fábricas de armamento, usinas hidrelétricas, pontes, comboios, mas, como dificilmente atingiam o alvo e lhe causassem pequenos ou nenhuns estragos, e sob a desculpa de que as forças paulistas, segundo fontes federais, haviam atingido Lorena, declarada "cidade aberta", passaram a atacar as cidades como Guaratinguetá, no mês de setembro, quando a degringolada das forças constitucionalistas era quase geral na frente do Vale do Paraíba. Relatam várias testemunhas que o efeito psicológico sobre os soldados e a população em geral era de pânico, pois, os aviões ditatoriais passaram a dar rajadas de metralhadora em vôos rasantes. Stanley cita, por exemplo, o combatente paulista, Paulo Duarte: "...o bombardeio aéreo, se não causava grandes danos, era um elemento terrível a semear o pânico, preparando a derrota". Os aviões da Ditadura, entretanto, não aterrorizavam apenas a cidade; também incursionavam pela zona rural, como experimentei em Pindamonhangaba, quando, estando no pomar com meu avô Athanagildo, que havia se retirado de Cunha, sobre nós passou em vôo rasante um desses aviões; apreensivo, pois vestia uma camisa parecida com a dos soldados paulistas, meu avô arrastou-me

com ele para baixo de uma árvore. Parece-me que foi nesse dia que experimentei meu primeiro cigarro! Pelos lados do Machadinho, uma senhora que estendia roupa no varal, foi surpreendida pelo metralhar vindo de um avião; pelas bandas do Potim, houve tentativas de afastar esses aviões, mediante o uso de rojões (certamente foguetes de vara!). Conta-se, também, que até "caixas de São Benedito" se usaram para fazer barulho e amedrontar os aviadores federais!!!

Divergiram os depoimentos de pessoas, quanto ao "Vermelhinho". Uns afirmando que ele apenas disparava rajadas de metralhadora, outros, que ele lançava granadas; como dissemos acima, entretanto, vimos que esta era também sua missão.

Quanto a Guaratinguetá, houve ataques de avião e de bombas lançadas por canhões federais desde Canas e Lorena. Aliás, já nos meados de agosto. Cunha foi severamente bombardeada por canhões que, segundo testemunhas da época, procuravam atingir a Igreja Matriz - a "chifruda" como os ditatoriais a chamavam. Nosso colega de Seminário, o Nabuco Coelho, dizia-nos que os "cariocas" foram, por esta razão, castigados, pois, uma granada paulista caiu bem dentro de um canhão, causando sérias baixas ("si non è vero, è bene trovato").

Em Guaratinguetá, uma bala de canhão atingiu a 22/9, a casa da Familia Filippo, na esquina da Rua Nova com a Monsenhor Filippo, onde hoje situa-se um Banco e, após atravessar a sala foi explodir na cozinha, atingindo a cabeça da filhinha da cozinheira, segundo informação da Profª Cihy Filippo Lopes . Na Rua do Mercado foi muito atingido o sobrado que hoje tem o número 44-60, causando um grande rombo na sacada do lado direito do prédio, destelhando uma sala e causando princípio de incêndio; as pessoas que estavam no andar superior correram para o térreo, onde ficava o armazém do Sr. José A. Bedaque, protegendo-se em baixo dos balcões. Outra bomba atingiu o antigo portão do "Amarradouro" do Mercado. Uma bomba explodiu no Largo de Santa Rita e outra abriu um grande buraco na Estação do Engenheiro Neiva. O então número 16 da Rua do Porto também foi atingido. Casas foram destelhadas na Rua Domingos Rodrigues Alves. Nessa rua e na Rua do Porto, parece que a coisa foi mais feia ou, pelo menos, é um dos melhores depoimentos do livro "Heróis Desconhecidos". Na hora do medo, um cidadão que sempre trajava terno e gravata, correu assustado e atravessou o Ribeirão dos Motas de sapato e tudo, como relata José Galvão Nogueira. É do mesmo a narrativa do acontecido com ele na Rua do Porto: "O Vermelhinho objetivava a ponte do Paraíba e passava sobre a Rua do Porto, metralhando e eu ficava com o meu mosquetão tentando alvejá-lo. Mas não conseguia; nem ele me atingiu com a metralhadora, nem eu o atingi com o meu mosquetão. Também não conseguiu atingir a ponte do Paraíba com a sua pontaria. Algumas granadas explodiram deixando marcas na ferragem da ponte. Eu colecionei essas granadas que não explodiram, cheguei a ajuntar trinta no balcão do tio Neco; quando ele chegou, mandou pegá-las e jogá-las todas no rio. E lá estão elas, bem na direção do meio da ponte, onde tem uma pilastra", (note-se que da ponte só resta, agora, uma parte). Segundo se afirma, esse ataque tirou algumas lascas do 14º lanço da ponte. Na fazenda Morro Vermelho, na estrada para Aparecida, foi bombardeado o Campo de Aviação aí existente. Um vagão é atingido junto à passagem em nível da EFCB na Rua Nova.

Euclides de Figueiredo registra em seu livro o bombardeio da estação de Aparecida a 26 de setembro.

Da. Benedita Machado, ainda agora moradora da Vila Brasil, entre São Bento e Engenheiro Neiva, lembra que seu pai, Deolindo Paula Machado, contava ter feito buracos no chão de terra de sua casa, para abrigarem-se durante os ataques a essa região por canhão e aviões federais. Quando os pobres moradores do bairro ouviam o silvo das balas de canhão ou o ronco dos aeroplanos, corriam para baixo das mesas mais sólidas ou das camas ou se enfiavam nos buracos cavados nas casas. A mãe de Benedita, mesmo grávida, foi refugiar-se, com as crianças, lá para os lados da Pedreira, e contava que, havendo folga nos bombardeios, vinha correndo à cidade para fazer compras no Mercado repleto de soldados. E estes davam mantimentos, como carne seca, para os moradores "refugiados"; e, a toda pressa, voltava para as zonas menos atacadas. Também ouvia ela contar que, principalmente o "Vermelhinho", atacava as trincheiras que atravessavam o bairro e que, há algum tempo, desmoronando um barraco, onde hoje é o terreno dos franciscanos, surgiram

muitos ossos, como caveiras, costelas, etc., e que por ali deve haver, ainda, muita ossada de paulistas mortos nessa ocasião. No seu livro "Memórias de Um Médico" (ed. da Livraria São José - 1968) narra o Dr. Cássio Rezende que, por ser mineiro, retirava-se para São José dos Campos e aí, no entanto foi preso e trazido para Guaratinguetá, juntamente com Mons. Dagoberto de Azevedo, Vigário do Puríssimo Coração de Maria, gaúcho, preso no Palácio Episcopal de Taubaté onde se refugiara, e, aprisionados em uma casa térrea à Rua Verde (Rafael Brotero), numa noite, ouviram tiros de canhão o que deixou Mons. Dagoberto deveras preocupado com sua salvação.

Nesses dias de terror, com a população abandonando a cidade, esta permanecia às escuras à noite. Não se duvida de que muitos assaltos às residências tenham acontecido nessas horas. O que se tornou comum com a ocupação da cidade e fazendas pelas forças federais. O mesmo Dr. Rezende, que libertado 3 dias após sua prisão voltara para São José, ao retornar a sua casa, verificou "...que só não tinham carregado minha casa porque estava fincada no chão. Tudo mais carregaram e aquilo que estava fechado, arrombaram. Foi, pois, uma completa limpeza, menos do assoalho, que ficou repleto de pulgas", e ele, apesar de médico, teve de recorrer a erva de Santa Maria "e, assim, pude libertar-me do incômodo presente que me deixaram os invasores da cidade". Estes, aliás, não primavam pela higiene. Narra-nos uma então vizinha da casa do Conselheiro Rodrigues Alves, que jagunços nesta se aboletaram, invadida a cidade, terminada a Revolução e, colocando as imagens da casa junto ao muro divisório, nelas praticavam tiro ao alvo e, como parecia desconhecerem o uso dos vasos sanitários, sentados nas janelas que dão para a Rua Dr. Martiniano, virados para esta, abaixando as calças, satisfaziam suas necessidades.

"A aviação foi a trágica surpresa da Revolução" asseverou Glauco Gomes, citado por Hernani Donato em seu livro "A Revolução de 32" (Ed. Círculo do Livro - 1982), onde também cita o horror de Santos Dumont, após ter conhecimento do ataque aéreo a Cachoeira a 13 de julho: "Porque fiz eu esta invenção que, em vez de concorrer para o amor entre os homens, se transformou numa maldita arma de guerra?" E, a 23 de julho se suicidava.

Com a aceitação pelo General Klinger, dos termos propostos pelo Governo Federal, com a defecção da Força Pública, chega o mês de outubro; no seu livro "História da Revolução Constitucionalista" (coedição da Secretaria de Cultura de S.P e Ed. Martins - 1981), Euclides de Figueiredo anota a 2 de outubro: "Após uma noite de dolorosas decepções, de formidável trabalho para recolocar a tropa nas trincheiras, amanheci nas ruas de Aparecida, tendo atingido, nesse esforço, a encruzilhada da estrada Rio-São Paulo, onde encontrei uma parte da tropa do Exército, que, contaminada pelo exemplo dos voluntários e da F.P., abandonara, igualmente, suas posições". E, mais adiante, referindo-se a telegrama do General Mena Barreto ao General Klinger e interceptado por seu comando, informando a disposição do Ministro da Justiça em "aprovar armistício ...e adoção imediata constituição", lamenta o Cel. Euclides de Figueiredo: "Este foi o tiro de misericórdia na Revolução Constitucionalista. Assim terminou, não por um armistício ...mas pela submissão humilhante de todas as suas tropas ao poder ditatorial, contra o qual se rebelara".

A partir de então Guaratinguetá é entregue aos federais.

Guaratinguetá, setembro de 1997.

**BENEDITO DUBSKY COUPÉ**

**P.S.** - O que o "Vermelhinho" não conseguiu, o descuido municipal deixou acontecer ...a ponte metálica ruiu.